

REVISITANDO O PAPEL DA EXEMPLIFICAÇÃO: A FORMAÇÃO DE JUÍZOS DE TERCEIRA PESSOA E DO APOIO ÀS RESTRIÇÕES DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA

Marcelo Oliveira Lima¹

RESUMO

Tomando como base a pesquisa desenvolvida por Schmierbach et al (2012), foi replicado, com adaptações, o experimento testado no referido trabalho, buscando identificar se estímulos baseados em notícias que narram casos exemplares moderam as percepções de terceira pessoa. O método proposto foi o da criação de quatro diferentes grupos de comparação que receberam estímulos focados em casos exemplares ou baseados em estatísticas, em condições de valência positiva ou negativa. O experimento foi realizado em uma escola pública brasileira, com a participação de cem alunos, que responderam questionários sobre uso de smartphones em sala de aula. Encontramos evidências parciais que suportam a existência de Efeitos de Terceira pessoa moderados pela exemplificação.

PALAVRAS-CHAVE

Media effects. Efeito de terceira pessoa. Teoria da exemplificação.

1 INTRODUÇÃO

Davison (1983), em sua seminal pesquisa, assim formula o Efeito de Terceira Pessoa: “indivíduos que são membros de uma audiência que é exposta à uma comunicação persuasiva (quer seja essa comunicação intencionalmente persuasiva ou não) estimarão que a comunicação terá efeitos maiores nos outros do que em si próprios” (1983, p. 3). Esta é a conceituação básica que orienta os modelos teórico-metodológicos que verificam a existência de Efeitos de Terceira Pessoa.

Segundo Perloff (1993), é possível afirmar que há uma base sólida que sustenta a existência das percepções de terceira pessoa e que, “em seu nível mais básico, entretanto, a hipótese do efeito de terceira pessoa se encaixa, e expande, na literatura sobre opinião pública” (1993, p. 168). Ele cita diversos caminhos tomados pelos teóricos para tentar

¹ Roteirista de ficção seriada e Doutorando do Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. É membro do grupo de pesquisa A-Tevê – Laboratório de Análise de Teleficção. E-mail: limarcelolima@gmail.com.

encontrar a razão deste fenômeno existir, tais como o corolário da distância social, a defesa do ego, a existência de um viés perceptual, a confiança nas fontes de informação, dentre outros. Para nós, interessa examinar o papel do conteúdo das notícias e do apoio às restrições conforme formulado por Schmierbach, *et al* (2012). Para isso, replicaremos o método de pesquisa empregado por estes autores com algumas adaptações para testar se as notícias que narram casos exemplares sobre um determinado assunto possuem maior poder de influência do que as notícias que se alicerçam em estatísticas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Davison (1983) reconhece que a maior das preocupações reveladas pelos estudos dos Efeitos de Terceira Pessoa é o mecanismo de apoio à censura. Segundo Davison,

é difícil encontrar um censor que admitirá ser afetado adversamente pela informação cuja disseminação está para ser proibida. Mesmo os amigos do censor são geralmente vistos como protegidos da contaminação. É o público geral que precisa ser protegido. Ou melhor, são os membros mais jovens do público geral, ou aqueles com mentes impressionáveis (DAVISON, 1983, p.14).

Esta afirmação traz em seu bojo o corolário de distância social. Segundo Eveland *et al* (1999), este corolário expressa que quanto mais distante socialmente um indivíduo estiver de um grupo – em termos de faixa etária, classe social e instrução – mais ele tenderá a considerar este grupo como afetado por mensagens negativas. Em outras palavras, “se ser influenciado (...) é ruim, então nós estimaríamos que as pessoas irão sofrer maiores efeitos negativos em grupos menos semelhantes (mais socialmente distantes) do que grupos mais semelhantes (menos distantes socialmente)” (EVELAND ET AL., 1999, p. 279).

Outra noção colocada em jogo é a de *ego involvement*. Perloff (1989, p. 238) explica que afirmar que a mídia exerce menos efeito sobre si do que nos outros é uma maneira de promover uma superestimação do próprio ego e afastar a noção de que o self pode ser frágil e afetado pelos efeitos negativos da mídia. Gunther (1991, p. 359) adiciona que esta reação é ainda mais forte quando a informação é considerada negativa ou enviesada. Este mecanismo psicológico é um dos mais afirmados pelos autores quando se tenta traçar as causas das percepções de terceira pessoa.

No estudo em que baseamos este trabalho, os autores partiram da seguinte questão: "Se os indivíduos fazem juízos sobre os efeitos da mídia sobre os outros por razões que vão além da psicologia inata, como são formados esses juízos?" (SCHMIERBACH *ET AL*, 2012, p. 673). Os autores comentam que as explicações existentes para as percepções de terceira pessoa desenvolvidas pela psicologia, como a tendência à proteção do ego, não são suficientes para explicar o papel da mídia no processo de produção desse tipo de efeito.

Em pesquisa prévia (SCHMIERBACH *ET AL*, 2011), os autores já haviam descoberto que as percepções de terceira pessoa desencadeadas a partir do uso de jogos eletrônicos faziam crer, para a maioria dos entrevistados, que os games eram danosos aos jogadores. Neste estudo, os autores sugerem também que a percepção sobre os jogos é fortemente moldada pela cobertura midiática. Buscando compreender essa problemática eles confrontam (IDEM, 2012) a relação entre cobertura midiática e juízos de terceira pessoa.

Os autores formulam a possibilidade de os indivíduos aprenderem sobre o poder dos videogames através do consumo de notícias que enquadram os jogos eletrônicos de forma negativa. Este processo seria especialmente mais efetivo em não jogadores, pois eles não possuiriam experiência pessoal para comparar com a informação lida.

Este tipo de influência, contudo, foi descreditada em pesquisas como a de Boyle *et al.* (2009), que empregou notícias falsas para retratar os games como fonte de problemas sociais e comportamentais e, ainda assim, estas informações não foram capazes de aumentar significativamente os efeitos presumidos ou a distância psicológica provocada pela percepção de terceira pessoa. Schmierbach *et al.* (2012) criticam as notícias que foram utilizadas no estudo de Boyle e outros autores, apontando que eles empregaram, majoritariamente, textos informativos que se utilizavam de estatísticas e conceitos abstratos. Para Schmierbach *et al.* "as descobertas abrangentes da pesquisa acadêmica ou as evidências de sondagens estatísticas simplesmente não são as representações com maior probabilidade de moldar efeitos presumidos" (IDEM *IBIDEM*, p. 675, tradução nossa). Neste âmbito, os autores se aproximam da teoria da exemplificação para identificar um tipo de informação que eles consideram como a mais persuasiva: o caso exemplar.

A teoria da exemplificação defende que, "em muitas circunstâncias, os indivíduos ignorarão dados estatísticos genéricos em prol de exemplos específicos (IDEM *IBIDEM*: tradução nossa)". Os exemplos específicos, também chamados de exemplares ou casos

exemplares, funcionam como "demonstrações anedóticas de uma ideia colocada em uma mensagem e podem suplementar ou suplantar informações estatísticas" (IDEM, IBIDEM, p. 675). Esse efeito pode ocorrer mesmo quando os exemplares contrariam as estatísticas e possui maior eficácia quando em forma de narrativa sentimental.

A partir destas características da teoria da exemplificação, Schmierbach *et al* (2012) planificam duas possíveis conexões com os juízos de terceira pessoa: 1) a eficácia do conteúdo midiático que, ao incluir, casos exemplares poderá ter chances de produzir percepções de terceira pessoa onde estudos não encontraram efeitos significativos; 2) a probabilidade da acessibilidade à informação propiciada pelo caso exemplar ser o mecanismo por trás das percepções de terceira pessoa.

Após apresentar suas considerações sobre a teoria da exemplificação, Shmierbach *et al* formularam hipóteses que buscam testar a eficácia do uso de casos exemplares, além da existência de percepções dos efeitos de terceira pessoa. Os resultados obtidos apontaram para evidências da existência dos efeitos de terceira pessoa, mas falharam em demonstrar que os casos exemplares moldaram estes efeitos em comparação às notícias baseadas em sondagens estatísticas. Apesar disso, os autores ressaltaram a abordagem inovadora para o campo dos efeitos da terceira pessoa, atentando para que novas pesquisas e autores observassem suas hipóteses. É o que realizamos aqui, substituindo os jogos eletrônicos pelo consumo de smartphones em sala de aula e adaptando as hipóteses, os questionários e os métodos ao contexto do objeto selecionado e da população disponível para a sondagem.

3 USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA E JUÍZOS DE TERCEIRA PESSOA

Substituímos os videogames pelo uso de smartphones em sala de aula de uma turma do Ensino Médio. A escolha se justifica pelo *smartphone* ser um fenômeno mais abrangente e cuja discussão tem levantado polêmicas sobre os efeitos nocivos do seu uso para o rendimento escolar. A nossa adaptação do primeiro conjunto de hipóteses proposto pelo artigo de Schmierbach *et al* testará se existe evidência para um efeito de terceira pessoa nos participantes de pesquisa:

- **H1a:** Os participantes presumirão os outros estudantes de Ensino Médio como mais afetados negativamente pelo uso de smartphones do que eles próprios.

Segundo Schmierbach *et al* (2011), há maior percepção de efeitos em crianças do que em adolescentes, assim como maior percepção de efeitos em adolescentes do que em adultos. A partir dessas constatações propomos que:

- **H1b:** Os participantes presumirão os estudantes do Ensino Superior como mais afetados negativamente pelo uso de smartphones do que eles próprios
- **H1c:** Os participantes presumirão os estudantes do Ensino Fundamental como os mais afetados negativamente pelo uso de smartphones.

Apesar da H1b parecer contrariar o advento do corolário social ele está condizente com a premissa básica do Efeito de Terceira Pessoa de que os indivíduos presumem que os outros serão mais afetados do que eles próprios.

Neste estudo, assim como na pesquisa original, os participantes leram notícias baseados em estatísticas e casos exemplares que lidam com os efeitos do uso de smartphones em sala. Aqueles que leram uma notícia baseada em um caso exemplar estariam mais propensos a ter uma resposta poderosa (Schmierbach *et al*, 2012), de acordo com a valência do texto. Essa tendência foi levantada no segundo conjunto de hipóteses:

- **H2:** Os participantes da condição de exemplificação perceberão: (a) maiores efeitos negativos nos demais indivíduos do Ensino Médio e (b) uma maior diferença entre efeitos em si e nos demais colegas do que aquele medido no grupo de estudantes que estão na condição estatística.

Na elaboração dos estímulos além de se basear em casos exemplares ou estatísticos foi imputada uma valência positiva (inofensiva) ou negativa (danosa) para apreciação. Como vimos, as informações negativas são apontadas como mais poderosas e testaremos essa asserção em nosso terceiro conjunto de hipóteses:

- **H3:** Participantes que receberam informações de valência danosa perceberão (a) maiores efeitos nos demais colegas e (b) maior diferença entre os efeitos em si e nos demais colegas do que os alunos que leram matérias de valência inofensiva.

Acompanha a H3 a seguinte pergunta de pesquisa:

- **PP1:** A condição de exemplificação servirá como moderadora dos efeitos negativos decorrentes da apresentação do uso de smartphones como um hábito danoso ou inofensivo?

Além disso, testaremos se os usuários mais frequentes de smartphones sofrem uma menor ou maior percepção do efeito de terceira pessoa, conforme indagado a seguir:

- **PP2:** Como o hábito de uso de smartphones dos indivíduos moderará os efeitos da exemplificação nos efeitos percebidos no uso de smartphones?

4 USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA E OS EFEITOS DE TERCEIRA PESSOA

Há evidências de que maiores percepções do efeito de terceira pessoa estão associadas a um maior apoio à censura e restrições de conteúdo (GUNTHER, 1991). Apesar desse mecanismo comportamental não ser claro, Schmierbach *et al* (2012) aponta que talvez se trate das "pessoas simplesmente fazendo uma escolha racional, ao restringir o acesso ao conteúdo que claramente (em suas perspectivas) ofende os outros, que são mais frágeis" (2012, p. 680). Assim, testamos a seguinte hipótese:

- **H4:** Quanto mais amplas as percepções de Terceira Pessoa sobre o uso de smartphones em sala de aula, mais elas estarão positivamente correlacionadas com o apoio às restrições ao uso.

Como estamos interessados especificamente na relação entre o conteúdo midiático e as percepções de terceira pessoa lançamos a seguinte pergunta de pesquisa:

- **PP4:** As notícias em condições de exemplificação, tanto em valência positiva (inofensiva) quanto negativa (ofensiva), moderarão o efeito de apoio a restrições no uso de smartphones em sala de aula?

5 MÉTODO

A extração foi realizada no dia 12 de setembro de 2014 no Instituto Federal da Bahia (IFBa), instituição de ensino público que oferece cursos de Ensino Médio integrado com Ensino Técnico, além de formações em Ensino Superior por meio de graduação e pós-graduação. Por intermédio de um dos professores de Filosofia da referida instituição, três turmas de alunos do Ensino Médio foram convidadas a participar da pesquisa e responder a um questionário impresso. O anonimato foi preservado e os alunos foram informados de que a presença não era obrigatória e de que a atividade não possuía peso avaliativo, nem qualquer ligação com a

instituição de ensino IFBa. Todos os participantes possuem entre 14-19 anos e estão no mesmo nível de instrução, o que confere consistência à amostra e significância para os grupos de comparação que confrontaremos mais adiante. A amostra total foi de uma população de 100 indivíduos.

Os alunos que concordaram em participar da pesquisa foram liberados 20 minutos antes do término da aula de Filosofia para responder a um questionário sobre o seu uso de smartphones em sala de aula, suas avaliações sobre o impacto negativo deste hábito no seu desempenho escolar e nos dos seus colegas, dentre outras questões.

Foram entregues, aleatoriamente, quatro tipos de formulários diferentes que, apesar de possuírem as mesmas questões, divergiram no tipo de estímulo apresentado. A estrutura dos questionários foi a mesma: apresentava um estímulo na forma de um artigo curto de três parágrafos, cuja autoria era atribuída a um jornal não identificado, seguido por um conjunto de perguntas. Os artigos de jornal eram similares em tamanho e compartilhavam o mesmo parágrafo inicial acerca do Projeto de Lei nº 16.724/2007, ainda não aprovado, que pretende proibir o uso de smartphones em salas de aula no Estado da Bahia.

Os estímulos variaram de acordo com o quadro de condições propostos para testar nossas hipóteses e perguntas de pesquisa. Na condição de notícias baseadas em estatísticas, ambos os artigos utilizaram resultados de um estudo realizado no Nebraska² sobre os hábitos de uso de smartphones e seus efeitos na concentração dos alunos em sala de aula. A partir desta pesquisa, que apresentou dados que corroboram uma queda no desempenho escolar dos alunos, foi criada também uma versão com resultados contrários, que manifestavam igualdade no rendimento escolar entre alunos que usa celulares com maior frequência e os que menos utilizam os aparelhos. Assim, na condição estatística contemplamos também as valências negativa e positiva da informação.

A outra condição, a das notícias centradas em casos exemplares, foi desenvolvida a partir de uma história real que foi adaptada ao nosso contexto de experimento. Apresentamos a aluna fictícia Bárbara Oliveira, de 15 anos, que utiliza o celular escondido durante todas as aulas, tem pouca concentração e apresenta um baixo rendimento escolar. Mesmo já tendo sido repreendida pelos professores, a garota revela ter criado táticas para contornar a

² Os resultados podem ser vistos aqui: <http://www.cartacapital.com.br/revista/772/na-sala-de-aula-nao-3798.html>

autoridade escolar e seguir usando o aparelho. No caminho oposto, adaptamos a notícia acima para um outro perfil de aluno, João Aleixo, que assume o uso frequente de celulares em sala de aula, mas mantém as boas notas. Assim, conseguimos construir os dois estímulos de valência positiva ou negativa para a condição exemplar.

Evitamos inserir estatísticas nas notícias de condição exemplar para que não houvesse desvio de foco na leitura do participante. Ao total, 25 participantes leram a versão de condição exemplar ofensiva; 25 participantes leram a versão de condição exemplar inofensiva; 25 participantes de condição estatística ofensiva; e outros 25 alunos leram a versão da condição estatística inofensiva.

6 MEDIDAS

Efeitos presumidos: Utilizamos uma escala adaptada do trabalho que nos orienta (Schmierbach *et al.*, 2012) para medir a influência presumida negativa do uso de celulares em sala de aula. Os participantes foram apresentados à seguinte sentença: "O quanto você considera que o uso de smartphones em sala de aula influencia negativamente o seu desempenho escolar?". Depois, o mesmo tipo de questão foi proposto por mais três vezes, só que desta vez tendo outros grupos como alvos da influência, a saber: os demais alunos do Ensino Médio, os alunos do Ensino Fundamental e os alunos do Ensino Superior. Para todas as perguntas foi utilizada uma escala de 1 a 5 em que 1 significava "Nenhuma Influência" e 5 expressava "Influência Total".

Apoio a restrições: Também baseado em Schmierbach *et al.* (2012) incluímos questões para medir o apoio à censura. Esta medida foi formada com base na resposta à questão "O quanto você concorda com a sentença: 'Celulares deveriam ser banidos da sala de aula?'". As respostas foram assinaladas em uma escala de cinco pontos que identificavam o grau concordância ou discordância com a afirmativa, sendo que 1 significava "Discordo totalmente" e 5 representava "Concordo totalmente".

Após a coleta da medida geral sobre o apoio à censura foram propostas mais três questões que contemplam a concordância ou discordância com a proibição do uso de celulares em sala de aula do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do Ensino Superior.

Uso de smartphones: Na pesquisa desenvolvida por Schmierbach *et al* (2012) é apontado que o hábito de jogar videogames modera o efeito com que o apoio às restrições é apresentado pelos entrevistados. Segundo eles,

usuários de videogames possuem diferentes percepções dos efeitos do que não-usuários. Uma vez que esses indivíduos devem possuir pontos de vista mais firmes sobre games (tornando-os menos suscetíveis à manipulação), nós avaliamos o uso do videogame como uma variável moderadora. (IDEM IBIDEM, p. 683)

Apoiados nessa constatação medimos o nível de uso de smartphones em sala de aula pedindo aos entrevistados que informassem se utilizam celulares durante as classes.

7 RESULTADOS

Conforme podemos ver na TABELA 1 é possível percebermos que há sustentação para as nossas hipóteses H1a, H1b e H1c.

TABELA 1 - Influência negativa presumida do uso de smartphones em sala de aula sobre si, sobre os colegas de classe, os demais alunos do Ensino Médio, Fundamental e Superior

	Sobre si	Sobre os colegas de classe	Sobre os estudantes do Ensino Fundamental	Sobre os estudantes do Ensino Médio	Sobre os estudantes do Ensino Superior
Nenhuma Influência	23%	6%	3%	7%	14 %
Pouca Influência	10%	14%	10%	11%	23%
Influência Média	41%	26%	16%	21%	27%
Muita Influência	19%	33%	28%	39%	20%
Influência Total	6%	20%	39%	20%	15%
Não responderam	1%	1%	4%	2%	1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

A hipótese H1a propõe que os estudantes perceberão os demais colegas do Ensino Médio da sua sala e de outras escolas como mais afetados negativamente pelo uso de smartphones do que eles próprios. Isso se comprova ao observarmos maior predominância

da influência negativa presumida sobre si nas faixas “Nenhuma Influência” (23%) e “Influência Média” (41%), enquanto os colegas de classe são maioria na faixa “Muita Influência” (33%), assim como os demais estudantes de Ensino Médio (39%). É perceptível o distanciamento na influência negativa presumida quando se verifica a categoria “Influência Total” que possui apenas 6% indicado sobre si, mas 20%, quase quatro vezes mais, sobre os colegas de classe e sobre os demais estudantes de Ensino Médio. Assim fica sustentada a H1a que aponta a existência de uma percepção de terceira pessoa entre o entrevistado e aqueles de mesma faixa etária e instrução.

A H1b formula que os participantes presumirão que os estudantes do Ensino Superior são mais afetados negativamente pelo uso de smartphones em sala de aula do que eles próprios. Os estudantes de Ensino Superior foram apontados como mais influenciados negativamente nas categorias "Influência Total" (15% versus 6%), "Muita Influência" (20% versus 19%) e "Pouca Influência" (23% versus 10%), ou seja, foram colocados em duas das categorias de maior demonstração de fortes efeitos. Isto evidencia um efeito de terceira pessoa em operação em parcela dos entrevistados. Ao mesmo tempo, contudo, houve significativa manifestação dos entrevistados acerca da influência negativa sobre os estudantes de Ensino Superior sofrendo “Nenhuma Influência” (14%) e “Pouca Influência” (23%). A soma destas duas categorias que estão abaixo da “Influência Média” representa 37% para a influência negativa presumida sobre os estudantes de Ensino Superior e é a maior se relacionada com os demais grupos – o segundo maior é o “sobre si” que possui 33% de influência abaixo da média. Assim, podemos dizer que as evidências sustentam a H1b, uma vez que a maior dos participantes percebe os alunos do Ensino Superior como mais influenciados, ainda que a faixa etária modere estes efeitos.

Por fim, a terceira hipótese do conjunto inicial afirma que os estudantes de Ensino Fundamental serão percebidos como os mais negativamente afetados pelo uso de smartphones. Este grupo possui menor participação no grupo dos que sofrem "Nenhuma Influência", "Pouca Influência" e "Influência Média", e ocupam a terceira posição dos que sofrem "Muita Influência" e o primeiro lugar de "Influência Total" com uma porcentagem de 39%, que é praticamente o dobro em comparação a qualquer outro grupo. Está sustentada, portanto, a H1c, que tem na distância social da faixa etária e de instrução dois moderadores que reforçam a percepção de um efeito de terceira pessoa.

Nosso segundo conjunto de hipóteses formula que a resposta dos participantes na condição de exemplificação nos permitirá observar: (a) maiores efeitos negativos nos demais indivíduos do Ensino Médio e (b) uma maior diferença entre efeitos em si e nos demais colegas do Ensino Médio do que aquele medido no grupo de estudantes que estão na condição estatística.

A H2a foi sustentada pela nossa pesquisa conforme os dados apresentados na TABELA 2. Os entrevistados da condição exemplar foram menos incidentes nas faixas “Nenhuma influência” (4% versus 10% dos entrevistados na condição estatística) e “Pouca Influência” (8% versus 14%) do que os na condição estatística, e foram significativamente mais presentes na faixa “Muita Influência” (44% versus 34%). A H2b também foi apoiada em nossos resultados demonstrados na TABELA 3. Podemos observar que há distância significativa entre os efeitos percebido em si e nos demais estudantes do Ensino Médio na categoria “Muita Influência” (variação de 24% versus 16%) sob a condição exemplar. Podemos assinalar ainda o maior distanciamento no resultado da influência negativa presumida sobre si na condição exemplar, na categoria “Nenhuma Influência” (variação de 18% versus 14%). As demais categorias não apresentaram variações significativas quando colocadas em comparação.

TABELA 2 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre os demais alunos do Ensino Médio de acordo com a condição em que o estímulo foi apresentado

	Condição Exemplar	Condição Estatística
- Nenhuma Influência	4%	10%
- Pouca Influência	8%	14%
- Influência Média	20%	22%
- Muita Influência	44%	34%
- Influência Total	20%	20%
- Não responderam	4%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 3 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre si de acordo com a condição em que o estímulo foi apresentado

	Condição Exemplar	Condição Estatística
- Nenhuma Influência	22%	24%

- Pouca Influência	8%	12%
- Influência Média	40%	42%
- Muita Influência	20%	18%
- Influência Total	8%	4%
- Não responderam	2%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nosso terceiro compêndio de hipóteses afirma que os participantes na condição de valência negativa perceberão (a) maiores efeitos nos demais colegas e (b) maior diferença entre os efeitos em si e nos demais colegas do que aqueles estudantes que estão na condição de valência positiva. Ambas as asserções foram sustentadas pela nossa pesquisa conforme se pode observar nas TABELAS 4 e 5 que são apresentadas a seguir.

TABELA 4 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre os demais alunos do Ensino Médio de acordo com a valência do estímulo

	Valência Negativa	Valência Positiva
- Nenhuma Influência	2%	12%
- Pouca Influência	4%	18%
- Influência Média	20%	22%
- Muita Influência	46%	32%
- Influência Total	24%	16%
- Não responderam	4%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 5 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre si de acordo com a valência do estímulo

	Valência Negativa	Valência Positiva
- Nenhuma Influência	20%	26%
- Pouca Influência	4%	16%
- Influência Média	46%	36%
- Muita Influência	20%	18%
- Influência Total	8%	4%
- Não responderam	12%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

A TABELA 4 nos permite visualizar que os entrevistados apontaram maior influência nos estudantes de Ensino Médio quando responderam questionários com estímulos de valência negativa, principalmente nas categorias "Influência Total" (24% versus 16% dos entrevistados na valência positiva) e "Muita Influência" (46% versus 32%). Em compensação, apontaram menos estudantes nas categorias "Nenhuma Influência" (2% versus 12%) e "Pouca Influência" (4% versus 18%). Esses dados apontam fortes efeitos nos participantes das condições sob valência negativa e sustentam a H3a.

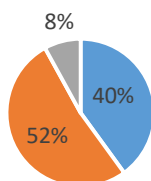
O segundo componente da hipótese, a H3b, também é apoiada pois podemos notar diferenças muito maiores da influência negativa presumida sobre si e sobre os demais estudantes do Ensino Médio nas respostas sob valência negativa, principalmente nas categorias "Influência Total" (variação de 16% versus 12% dos entrevistados na valência positiva), "Muita Influência" (variação de 26% versus 14%) e "Nenhuma Influência" (variação de 18% versus 14 %).

A sustentação de H3a e H3b nos permite apontá-las como evidência para a primeira pergunta de pesquisa (PP1): os resultados demonstram que a valência com que apresentamos nossos estímulos moderam uma maior ou menor produção de percepções de terceira pessoa por parte dos indivíduos.

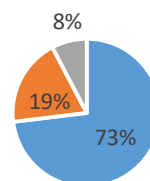
Seguindo para a nossa segunda pergunta de pesquisa (PP2), que indaga se o nível de uso de smartphones em sala de aula irá moderar os efeitos da exemplificação, podemos afirmar que há evidências positivas de que isso ocorra. Segundo os dados aferidos e exibidos a seguir na FIGURA 1 e nas TABELAS 6 e 7, há disparidade entre os alunos que utilizam e os que não usam smartphones em sala de aula e sua consequente avaliação sobre a influência negativa no rendimento escolar.

FIGURA 1 – Entrevistados que utilizam smartphones em sala de aula

Condição exemplar negativa



Condição exemplar positiva



■ Utiliza ■ Não Utiliza ■ Não respondeu ■ Utiliza ■ Não Utiliza ■ Não respondeu ■

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 6 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre si de acordo com a condição e valência dos estímulos apresentados

	Condição Exemplar Positiva	Condição Exemplar Negativa
- Nenhuma Influência	12%	32%
- Pouca Influência	12%	4%
- Influência Média	40%	40%
- Muita Influência	32%	8%
- Influência Total	4%	12%
- Não responderam	0%	4%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 7 - Nível de Influência Negativa Presumida sobre os estudantes de Ensino Médio de acordo com a condição e valência dos estímulos apresentados

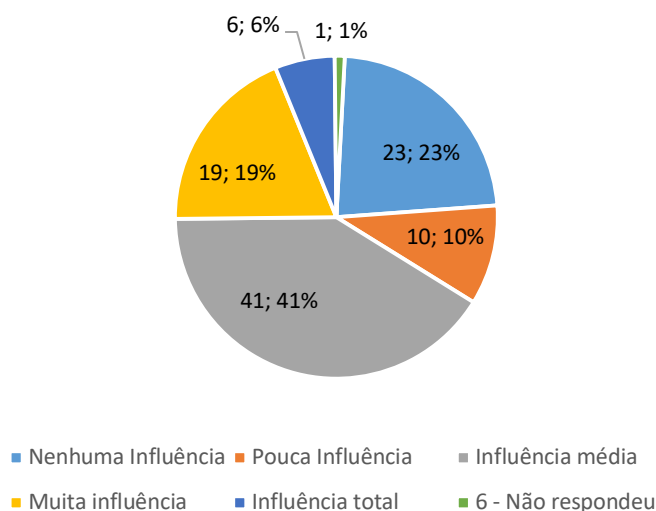
	Condição Exemplar Positiva	Condição Exemplar Negativa
- Nenhuma Influência	4%	4%
- Pouca Influência	12%	4%
- Influência Média	28%	12%
- Muita Influência	44%	44%
- Influência Total	12%	28%
- Não responderam	0%	8%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Dos entrevistados na condição de caso exemplar negativo, 52% declaram não utilizar smartphones em sala de aula, enquanto 73% dos enquadrados na condição de caso exemplar positivo assumiram uso do aparelho. O primeiro grupo visualiza maior efeito negativo deste comportamento do que o segundo, tanto em si quanto nos demais colegas do Ensino Médio. Portanto, para além das condições e valência da notícia de cada um dos grupos citados, podemos supor que a utilização de smartphones funcione como um moderador do funcionamento da exemplificação para gerar efeitos de persuasão.

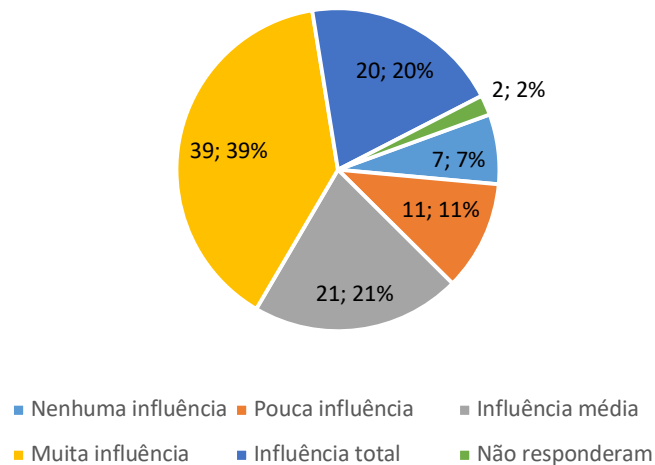
Nossa quarta hipótese sugere que quanto mais amplas as percepções de Terceira Pessoa sobre o consumo de smartphones em sala de aula, mais elas estarão positivamente correlacionadas com o apoio às restrições de uso. Esta hipótese sustentada pela comparação dos dados apresentados nas FIGURAS 2, 3, 4 e 5 e na TABELA 8.. De acordo com o verificado, o mais forte apoio à restrição de uso de smartphones é voltado para os alunos de Ensino Fundamental (36% dos entrevistados concordam com restrições a este grupo), faixa que também foi indicada como mais influenciada negativamente (39% de “Influência Total” e 28% de “Muita Influência”). Por outro lado, os participantes avaliaram a si próprios como menos influenciados negativamente e isso se reflete quando apontam discordância total de 44% à sentença “Os celulares deveriam ser banidos de sala de aula”, pois esta restrição lhes atingiria diretamente. O segundo grupo apontado como menos influenciado negativamente pelo uso de smartphones foi o dos estudantes de Ensino Superior, que é também o que possui a segunda menor correlação positiva com a apoio às restrições de uso. Estas evidências reforçam a sustentação da quarta hipótese.

FIGURA 2 - O quanto você considera que o uso de smartphones em sala de aula influencia negativamente o seu desempenho escolar?



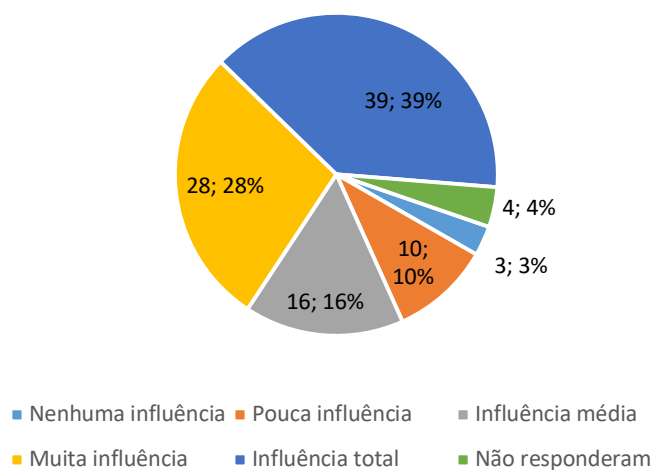
Fonte: Elaborado pelo autor

FIGURA 3 - O quanto o uso de smartphones em sala de aula influencia negativamente o desempenho escolar dos alunos do Ensino Médio?



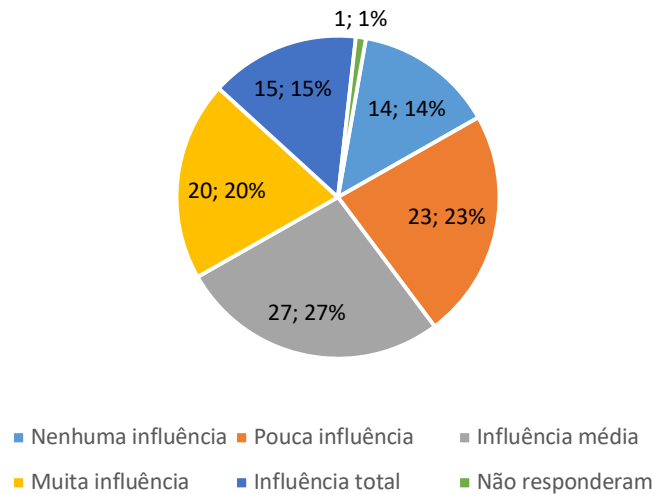
Fonte: Elaborado pelo autor

FIGURA 4 - O quanto o uso de smartphones em sala de aula influencia negativamente o desempenho escolar dos alunos do Ensino Fundamental?



Fonte: Elaborado pelo autor

FIGURA 5 - O quanto o uso de smartphones em sala de aula influencia negativamente o desempenho escolar dos alunos do Ensino Superior?



Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 8 – Apoio a restrições – Geral

	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Neutro	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente	Não responderam
O quanto você concorda com a sentença:						
“Celulares deveriam ser banidos da sala de aula”	44%	19%	18%	7%	9%	3%
“Alunos do Ensino Fundamental deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	18%	20%	22%	11%	25%	4%
“Alunos do Ensino Médio deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	27%	18%	33%	7%	12%	3%
“Alunos do Ensino Superior deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	35%	21%	24%	6%	10%	4%

Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, nossos resultados permitem investigar a quarta e última pergunta de pesquisa, que lança a dúvida se as notícias em condição de exemplificação, independente da valência, moderarão o apoio a restrições no uso de smartphones em sala de aula. Os dados, sintetizados nas TABELAs 9 e 10, demonstram que a concordância com a restrição na Condição Exemplar é maior do que Condição Estatística em dois itens, “Celulares deveriam ser banidos da sala de

aula” e “Alunos do Ensino Superior deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”. Contudo, é menor nos outros itens, revelando que não há evidência de que a condição do estímulo, independente da valência, tenha qualquer efeito moderador na percepção da influência negativa presumida.

TABELA 9 – Apoio a restrições – Condição exemplar

	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Neutro	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente	Não responderam
O quanto você concorda com a sentença:						
“Celulares deveriam ser banidos da sala de aula”	40%	18%	18%	8%	10%	6%
“Alunos do Ensino Fundamental deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	18%	18%	26%	4%	30%	4%
“Alunos do Ensino Médio deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	14%	22%	40%	4%	14%	6%
“Alunos do Ensino Superior deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	28%	22%	26%	6%	12%	6%

Fonte: Elaborado pelo autor

TABELA 10 – Apoio a restrições – Condição estatística

	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Neutro	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente	Não responderam
O quanto você concorda com a sentença:						
“Celulares deveriam ser banidos da sala de aula”	48%	22%	18%	6%	6%	0%
“Alunos do Ensino Fundamental deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	18%	22%	18%	18%	20%	4%
“Alunos do Ensino Médio deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	40%	14%	26%	10%	10%	0%
“Alunos do Ensino Superior deveriam ser proibidos de usar celular em sala de aula”	42%	20%	22%	6%	8%	2%

Fonte: Elaborado pelo autor

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos achados demonstraram evidências para todas as hipóteses sugeridas e ofereceram pistas para duas das nossas perguntas de pesquisa. De modo geral foi possível observar a existência de percepções de terceira pessoa tanto na relação indivíduo vs colegas de classe, quanto na relação indivíduo vs demais estudantes do Ensino Médio/ Fundamental/ Superior. O corolário da distância social participou como moderador principalmente na comparação com os alunos do Ensino Fundamental, vistos como os mais frágeis.

Também foi possível encontrar suporte para uma maior percepção de efeitos de terceira pessoa nos entrevistados na condição exemplar, tanto de valência negativa quanto positiva. Este achado aponta para a possibilidade da exemplificação ser uma moderadora da produção de efeitos de terceira pessoa.

Uma larga amplitude da percepção de efeitos também pode ser observada tomando apenas a valência negativa, independente do tipo de condição da notícia.

A comparação entre usuários ou não de smartphones em condição de exemplificação evidenciou que aqueles que não utilizam os aparelhos estão mais propensos à suposição de efeitos de terceira pessoa.

Encontramos, ainda, uma forte correlação entre maiores percepções de terceira pessoa e maior apoio à restrição de uso de smartphones em sala de aula.

Por fim, não localizamos evidências para a PP4, que indagava se a exemplificação, independente da valência, seria um preditor eficiente para o apoio à restrição e censura.

Em comparação ao estudo de Schmierbach et al (2012), nós dispomos de um método estatístico bastante simplificado que não supõe testes de regressão e de significância para ter o mesmo nível de validade que aquele. Contudo, nossa pesquisa serve como reforço para o estudo da correlação dos efeitos de terceira pessoa com o conteúdo noticioso como uma alternativa ao estudo exclusivo dos mecanismos psicológicos que conformam o os modelos teórico-metodológicos desenvolvidos a parte do Efeito de Terceira Pessoa.

REFERÊNCIAS

- BOYLE, M. P., SCHMIERBACH, M., & MCLEOD, D. M. Pre-existing factors or media effect? Understanding the third-person perception. **Atlantic Journal of Communication**, v. 21, n. 4, pp. 230-246, 2013
- DAVINSON, W. Phillips. The Third-Person Effect in Communication. **The Public Opinion Quarterly**, Oxford, Vol. 47, No. 1, pp.1-15, 1983
- EVELAND, William P; AMY. I Nathanson; DETENBER, Benjamin H; MCLEOD, Douglas M. Rethinking the Social Distance Corollary: Perceived Likelihood of Exposure and the Third-Person Perception. **Communication Research**, v26, pp. 275-302, 1999.
- GUNTHER, Albert. What We Think Others Think: Cause and Consequence in the Third-Person Effect. **Communication Research**, v. 18, pp. 355-372, 1991.
- PERLOFF, Richard M. Third-Person Effect Research 1983-1992: A review and synthesis. **International Journal of Public Opinion Research**, Oxford, v.5, n.2, pp. 167-184
- PERLOFF, Richard M. Ego-Involvement and the Third Person Effect of Televised News. **Communication Research**, v. 16, pp. 236 - 257, 1989
- SCHMIERBACH, M.; BOYLE, M. P.; XU, Q.; MCLEOD, D. M. Exploring third-person differences between gamers and nongamers. **Journal of Communication**, v 61, pp. 307-327, 2011
- SCHMIERBACH, Mike; XU, Qian; BOYLE, Michael P. The Role of Exemplification in Shaping Third-Person Perceptions and Support for Restriction on Video Games. **Mass Communication and Society**, Filadélfia, v 15, pp. 672-694, 2012.

Revisiting the role of exemplification: the formation of third-person judgments and support for restrictions on the use of smartphones in the classroom

ABSTRACT

Based on the research developed by Schmierbach et al (2012), we replicate, with adaptations, the experiment tested in this study, seeking to identify if news-based stimuli that narrate exemplary cases moderate third-person perceptions. The proposed method was to create four different comparison groups that received different stimuli focused on exemplary cases or based on statistics, each of which conditions was divided by positive or negative valence. The experiment was carried out in a Brazilian public school, with the participation of one hundred students, who answered questionnaires about the use of smartphones in the classroom. We find partial evidence that supports the existence of Third Person Effects moderated by exemplification.

Keywords: media effects. third-person effect. exemplification theory.

Revisando el papel de la ejemplificación: la formación de juicios de tercera persona y el apoyo a las restricciones del uso de smartphones en el aula

RESUMEN

Tomando como base la investigación desarrollada por Schmierbach et al (2012), replicamos, con adaptaciones, el experimento probado en el referido trabajo, buscando identificar si estímulos basados en noticias que narran casos ejemplares moderan las percepciones de tercera persona. El método propuesto fue el de crear cuatro diferentes grupos de comparación que recibieron diferentes estímulos enfocados en casos ejemplares o basados en estadísticas, siendo que cada una de estas condiciones fue dividida por valencia positiva o negativa. El experimento fue realizado en una escuela pública brasileña, con la participación de cien alumnos, que respondieron cuestionarios sobre el uso de smartphones en el aula. Encontramos evidencias parciales que soportan la existencia de Efectos de Tercera persona moderados por la ejemplificación.

Palabras clave: efectos de los medios. eEfecto en tercera persona. Teoría de la ejemplificación.

Recebido em: 9/10/2018

Aceito em: 18/12/2018